

Dificuldades à vista: inflação e salário *Economia*

As previsões de maiores dificuldades para a economia no próximo ano — principalmente na área externa, diante das dificuldades de se manter superávits crescentes na balança comercial para continuar pagando os juros da dívida — criarão problemas para o novo acordo entre o Brasil e o Fundo Monetário Internacional.

Este ano as exportações terão uma queda de 7% em relação ao ano passado e para 1986 as expectativas não são melhores. Ser-ao criados, portanto, maiores obstáculos para o Governo continuar cumprindo as exigências do Fundo em torno da geração de superávits operacionais do setor público compatível com o total das transferências globais de recursos ao exterior. As transferências, só para se ter uma idéia de sua magnitude, atingirão em 1986 o equivalente a 4% do Produto Interno Bruto (PIB) previsto para Cr\$ 3 quatrilhões — ou seja, Cr\$ 120 trilhões de transferências, bem superior ao déficit de caixa

previsto para este ano, de Cr\$ 72 trilhões, e quase igual ao total da arrecadação tributária também deste ano, estimada em Cr\$ 140 trilhões.

Hoje, em Washington, o ministro Dilson Funaro colocará ao diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional que num contexto de queda das exportações — face a uma conjuntura internacional de crescente protecionismo — e diante da necessidade de aumentar as importações para cumprir a meta de manter a economia em crescimento paralelamente ao ajuste econômico, dificilmente será possível atingir um superávit operacional do setor público equivalente a 5% do PIB. Até mesmo o comprometimento com um superávit operacional de 2% do PIB já poderá jogar a economia em recessão, segundo afirmou o assessor econômico do ministro Funaro, o economista Luis Gonzaga Belluzzo.

Funaro deverá encontrar dificuldades para negociar politicamente um novo acordo com o FMI diante dos proble-

mas atuais que estão obrigando o Governo a reajustar os salários acima da inflação — como ocorreu este ano com o funcionalismo público e agora, nesta semana, com os bancários. A greve dos bancários deverá estimular o mesmo comportamento em relação às demais categorias e significará argumentos para que o FMI insista em sua terapia ortodoxa, que inclui o controle da demanda via contenção salarial.

Além dos reajustes salariais superiores à inflação, Funaro terá que dobrar o FMI na questão da manutenção do controle de preços, que deverá continuar incidindo sobre os preços industriais. Entretanto, segundo Belluzzo, nem a posição oficial sobre os salários reais acima da inflação nem o controle de preços apresentarão obstáculos à negociação. Citou como comparação o acordo realizado pela Argentina, que fugiu a todos os parâmetros ortodoxos, pois envolveu o congelamento de preços.

16 SET 1985

CORREIO BRAZILIENSE